

# “VAI COMER NO RU?” - UM ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE AS RELAÇÕES SOCIAIS INTERNALIZADAS AO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DO CAMPUS SANTO ANDRÉ.

Rogério Sobral Paulo<sup>1</sup>

## Resumo

Esse ensaio etnográfico respalda-se no trabalho de campo realizado no restaurante universitário (RU) do campus Santo André, da Universidade Federal do ABC (UFABC). Utilizando-me de um arcabouço conceitual da antropologia, composto em especial pelos conceitos do nativo etnógrafo e da etnografia urbana, procurei me debruçar sobre o que o RU de Santo André representa para os seus frequentadores e demais pessoas que compartilham esse espaço. Nesse sentido, me propus a observar de que modo os agrupamentos universitários são reconstituídos no seu interior, e quais seriam as características condicionantes do RU que balizam a interação das pessoas que compartilham esse espaço social. Por meio da realização de observações etnográficas e entrevistas semiestruturadas em campo, destacou-se a hipótese interpretativa de que os elementos arquitetônicos desse campo definem sua lógica processual própria, a qual, entrelaçando os contextos, interações, e relações sociais trazidos por seus frequentadores, promove uma expressividade única.

**Palavras-chave:** Etnografia, Espaço Acadêmico, Nativo Etnógrafo.

## Abstract

This ethnographic essay is grounded by the field work held in the university cafeteria of Federal University of ABC, located in the city of Santo André – Brazil. Using a conceptual framework of anthropology, composed especially by the concepts of the native ethnographer and the urban ethnography, I tried to understand what is the significance of the cafeteria to its users, and other people which are present in that space on a daily basis. In this sense, I propose myself to observe how the university clusters are reconstituted within that space, and what could be the conditional characteristics that beacon the interaction between the individuals who share that same social space. Through ethnographic observations and semi-structured interviews into the field, an interpretative hypothesis was highlighted: the architectural elements of the cafeteria define their own procedural logic, which, intertwined with the contexts, interactions, and social relations brought by its patrons, promote a unique kind of expressiveness.

**Keywords:** Ethnography, Federal University of ABC, Native Ethnographer, Urban Ethnography.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do ABC. E-mail: rogersobral1@gmail.com

*“[...] há quem pense que a antropologia recorta sempre, como tema de estudo, um objeto exótico, distante ou singularizado.” (MAGNANI, 2003, p. 81).*

Inserido agora nesse momento de reflexão literária, no qual culmina todo o trabalho desempenhado para a disciplina de Prática em Ciência e Humanidades, percebo que minha ambição de realizar uma pesquisa etnográfica a respeito do restaurante universitário do campus Santo André da UFABC (cujo apelido carinhoso é RU, mas admito que mesmo após todo o processo de incursão e estudo desse campo, o real afeto que esse espaço provoca nos seus frequentadores permanece recheado de controvérsias) surge em consonância a duas perspectivas conceituais que, para mim, acabaram se apresentando como centrais para a antropologia social contemporânea, e para esse trabalho: o nativo etnógrafo, e a etnografia urbana.

Na idealização tradicional (ou melhor, no arquétipo) da antropologia, é respaldada a visão do etnógrafo como um estrangeiro que embarca em uma jornada épica de encontro ao desconhecido. Incurso em sociedades que, se não geograficamente distantes, acabam sendo culturalmente divergentes; e pelas quais através de seu estudo de campo é capaz de transformar o exótico em familiar.

Como um contraponto a essa percepção, a compreensão do nativo etnógrafo propõe essencialmente que o pesquisador volte seu olhar para aquilo que pertence ao seu próprio meio social. Consequentemente, essa perspectiva traz a tona uma inversão do método etnográfico exercido pelo pesquisador, e assim extraindo o exótico daquilo que lhe é familiar. Wellington Conceição entende esse processo como um encontro ao estranhamento, justamente no local onde existe uma percepção de pertencimento e um reconhecimento naturalizado das práticas e rotinas pelo pesquisador, na qual o próprio “mergulha na sua cultura de tal forma que possa desenvolver um outro olhar sobre as experiências de sociabilidade que ali se dão” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 44-45). Gilberto Velho, a esse respeito, também apresenta o pensamento de que o que sempre vemos e encontramos cotidianamente pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido, em um sentido profundo:

Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais do nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isso, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas intenções, dando continuidade ao sistema. (VELHO, 1978, p. 127)

Embora Gilberto esteja tratando contextualmente de um amplo universo urbano, com as diferentes classes sociais, tribos urbanas e demais formas de agrupamento presentes nas grandes cidades, sua estrutura metodológica pautada pela posição dos indivíduos, regras, e intenções em um sistema social, serviu como uma excelente base para o estudo das relações que permeiam o ambiente do restaurante universitário. Além disso, a noção de universo urbano não foi de todo descartada. Ao contrário, é um aspecto que se fez presente no caráter de etnografia urbana no qual, como elencado, também respalda esse ensaio.

A ideia da etnografia urbana pauta-se, entre outros princípios, na dissolução da perspectiva que se refere à comunidade urbana como um bloco monolítico, imutável quanto sua própria constituição. Como dito, esse universo urbano é composto, na verdade, pelos mais diversos grupos, classes e atores sociais. Tais segmentos, por sua vez, possuem padrões de sociabilidade, assim como valores éticos e morais os quais imprimem nas suas ações cotidianas trajetos de vivência e construção de identidades que inevitavelmente apresentam uma enorme variabilidade, formando um mosaico populacional altamente heterogêneo. Subsequentemente, as relações formadas na interação entre esses integrantes do cenário enérgico das grandes cidades acabam por se concretizar de um modo agudamente dinâmico.

Assim, permiti-me pegar emprestadas essas ideias para o estudo de campo do restaurante universitário de Santo André, uma vez que nele estão refletidos esses conceitos. Do ponto de vista da relação subjetiva de pesquisador com o seu campo, a minha própria ligação com o RU é de familiaridade, como um aluno frequentador desde o começo da graduação. Em muitos momentos ao longo desse período, questionei-me sobre determinadas ações realizadas e situações enfrentadas pelos indivíduos que partilhavam o seu cotidiano nesse local. Porém, carecia o olhar do pesquisador, aquele que poderia se atentar aos detalhes reveladores que sempre passaram despercebidos pelo aluno, mas que poderiam ser proveitosos ao me colocar na posição do etnógrafo; e mais do que isso, desenvolver uma outra percepção que destaca esse campo como um meio de socialização, e dele extrai o que é exótico.

No estudo desse campo, também procurei abordá-lo como um local detentor do caráter de representação do “universo urbano” universitário, isto é, um espaço em que as percepções e sensações da comunidade acadêmica são catalisadas. Não se trata, portanto, de um meio isolado em suas próprias particularidades, mas tampouco se restringe ao papel de uma amostra que internaliza o contexto urbano que permeia a universidade como um todo, exatamente como o é. O

que se sustentou realmente é que, as expressões do reflexo urbano presente no todo da universidade, quando trazidas para dentro do RU, incorporam-se às regras internas desse campo social relativamente autônomo, refratando-se de formas variadas através do *habitus* (SETTON, 2002) do próprio restaurante.

Fundamentado nesses conceitos, decidi então realizar a pesquisa etnográfica sobre o que o restaurante universitário de Santo André representa para os seus frequentadores e demais pessoas que compartilham esse espaço. Mais exatamente, me propus a observar o modo como os agrupamentos universitários são reconstituídos no seu interior: quais seriam as características do RU que condicionam a interação das pessoas que utilizam esse espaço, até mesmo de modo naturalizado, entendido como parte de sua vida cotidiana?

Na busca pela resolução dessa hipótese incipiente, parti inicialmente por uma investigação das referências espaciais do RU, ou seja, o modo como a arquitetura desse local pode balizar as ações, e conseqüentemente, as relações dos indivíduos que o frequentam como espaço social. Já na minha primeira incursão ao campo, esse aspecto se demonstrou muito revelador. Nessa incursão, adentrei o RU restando cerca trinta minutos para a entrada ser fechada pela funcionária responsável por recarregar os créditos dos usuários, já no período noturno. Havia uma forte chuva do lado de fora, e vários guarda-chuvas abertos estavam dispostos na entrada, deixados por seus donos para secarem enquanto jantavam.

Tive um inquietante pensamento a respeito disso. Era interessante como, nesse local, permeava a sensação de que não existia nenhum risco que os objetos pudessem ser furtados ou extraviados de qualquer modo. Esse talvez represente um interessante ponto de partida para uma reflexão mais profunda sobre quais são as relações implícitas entre o ambiente universitário e mundo de fora, aparentemente tão alheio à “bolha acadêmica”. Agiriam essas pessoas da mesma forma, se estivessem em qualquer outro restaurante localizado em pleno centro de Santo André? Infelizmente, essa é uma digressão que será deixada para possibilidades de estudo futuras, uma vez que o escopo deste ensaio já foi delimitado pela construção do caminho metodológico que apresentei. Retornemos então ao processo de incursão ao campo.

Passei pelas catracas, e por conta do horário e da já mencionada chuva, não existiam filas nas gôndolas de alimentação. O restaurante estava, sem dúvida, abaixo de sua quantidade normal de usuários, delineando de modo pleno os grupos e indivíduos que compunham as mesas.

A geografia organizada do restaurante impõe uma forte impressão de *ordem*, no sentido mais simples do termo, de ordenamento. Há um local específico para cada ação, com um sentido único e em estágios: entrar, recarregar os seus créditos, escolher os pratos, depois se sentar para fazer a refeição, recolher a louça suja, e sair. O processo de escolha da alimentação, por si só, é subdividido em suas próprias etapas, e sempre do mesmo modo: primeiro a seleção das saladas e sobremesas, depois as guarnições e prato principais, e, por fim, eventuais temperos e sucos industrializados. Nesse estágio o ordenamento é acirrado em sua forma mais contundente, com o posicionamento em filas individuais ao longo de uma plataforma metálica, para o descanso das bandejas de plástico que suportam os pratos.

Posso traçar algumas comparações metafóricas com esse ordenamento que integra o RU. Suas entradas e saídas são muito bem demarcadas e com suas respectivas catracas configuradas num sentido único, além de serem afastadas entre si (entra-se por um lado, e a única saída localiza-se do outro lado do restaurante), formando um caminho comum a todas as pessoas que entram. Estando nesse caminho, nos sentimos como dentro de um circuito elétrico, ou uma linha de produção fabril: ele é delimitado fisicamente por barreiras de vidro que impedem a entrada para a área onde estão as mesas, sem antes passar pela plataforma metálica. Em um momento que o restaurante estava cheio, foi fácil perceber o constrangimento de uma pessoa que queria utilizar o banheiro com pressa, e teve que se esgueirar pelo corredor onde se forma a fila, tentando esbarrar nas outras pessoas o mínimo possível, até chegar ao ponto em que poderia passar para o outro lado.

Assim, ficou claro como o ordenamento em fila, e o sentido único o qual os indivíduos podem se mover é algo que visa acelerar o passo do indivíduo que faz uso do restaurante. Também percebi como os únicos cômodos alheios a essa lógica procedimental são os banheiros, dispostos no centro do restaurante, sendo esse um lugar de livre trânsito de pessoas a qualquer momento. Nesse contexto, esses cômodos não fazem parte do ordenamento espacial em função do percurso em estágios do ato de se alimentar, tornando-se um lugar de refúgio momentâneo do nexo mecanicista e industrial que permeia esse caminho.

O processo *ad infinitum*



Fonte: do autor

Com essa descrição espacial do campo, é possível começar a entender como algumas condicionantes são estabelecidas assim que uma pessoa entra nesse ambiente, muitas vezes antes mesmo de estabelecer algum contato interpessoal. Já na segunda incursão consegui me aprofundar sobre os aspectos mais diretamente relacionados às interações entre as pessoas que frequentam o restaurante. Dessa vez, entrei no RU com um pouco mais de antecedência, e por isso, com uma maior quantidade de pessoas jantando. Uma fila de tamanho razoável havia se formado, no corredor que descrevi anteriormente. Com mais pessoas, o ambiente também estava mais quente e abafado.

Com uma maior população sentada às mesas, novos padrões surgiram. Ao contrário dos horários mais vazios, em que podemos escolher livremente um lugar para fazer a refeição, nesse dia foi preciso um pouco mais de esforço para encontrar um lugar tão mais agradável quanto possível. Mas o que, justamente, denota uma posição confortável para se alimentar nesse espaço? Sentado próximo a saída, de modo que eu podia vislumbrar grande parte do salão onde estão dispostas as mesas, fui capaz de observar algumas sequências de ações que aconteciam recorrentemente a esse respeito: Primeiro, as pessoas param e circulam o olhar, como em busca de algo. Nesse momento, uma boa parte delas encontra algum amigo ou conhecido para conversar enquanto realizam a refeição juntos. Nesse caso, o lugar onde elas se sentam é definido pela presença do outro, em uma maneira simples de compartilhar um momento do seu dia.

Mas e quanto às pessoas que acabam realizando suas refeições sozinhas? Geralmente, seu comportamento tende a ser um pouco diferente. Elas continuam andando, sem sentir a necessidade de parar para varrer o ambiente com seu olhar. Dessa minha observação, é simples deduzir, numa primeira interpretação, que o ato de encontrar um lugar vazio é muito mais simples de que identificar uma pessoa conhecida (para esse caso, é preciso parar por alguns instantes para realizar essa tarefa ligeiramente mais complexa); de fato, o ato cognitivo de encontrar um lugar vago demanda muito menos atenção do que encontrar alguém na multidão de rostos que se forma nos horários de pico, e, portanto, se a pessoa quer realizar sua refeição sozinha, bastaria se sentar no primeiro lugar disponível que ela encontrar. Entretanto, o grande estranhamento que encontrei na incursão etnográfica desse campo se resguarda justamente nesse ponto tão singelo.

Um fato muito interessante que ocorre com aqueles que se sentam sozinhos, é que estes também escolhem seus lugares, no sentido ativo e efetivo do verbo *escolher*. Na verdade, existe um ordenamento implícito (mais um!) que articula todas as pessoas nesse espaço. Os que chegam depois procuram sempre se sentar no local a gerar a distância mais equidistante possível uma das outras, como que para delimitar seu espaço próprio. A procura por seu lugar torna-se um jogo de quebra-cabeça territorial. A multidão, agora podendo ser descrita como um mosaico, forma-se organicamente, mas com respeito à regra silenciosa de que cada um de nós não pode invadir o espaço alheio (seja um outro alguém, ou grupo de pessoas que você não conhece), ao mesmo tempo que não devemos nos colocar numa posição exposta à invasão do seu espaço por “outros”.

Nesse contexto, os conceitos do *alheio* ou *outro*, são bem especificados: trata-se daquele que é desconhecido. Os amigos, e outras figuras suficientemente próximas a nós para que se realize uma refeição em conjunto não enfrentam essas barreiras, muito pelo contrário, são até mesmo incentivadas a se juntarem ao banquete. Um momento em que isso esteve fortemente expresso foi quando, de longe, uma dupla de amigas chamava enfaticamente a atenção de uma terceira, que havia acabado de entrar nesse quebra-cabeça. Com amparo da conexão visual acolhedora introduzida pelas primeiras, a árdua tarefa de se sentar ocorreu com muito mais facilidade. Obviamente, a inclusão de pessoas nessa categoria do “nós” acontece de maneira profundamente subjetiva, e à interpretação de cada um.

Mais do que apenas encontrar uma posição que possibilite esse “respiro” para si próprio, os frequentadores têm uma ampla noção do espaço do RU como um todo. Com isso, quero dizer que, coletivamente, eles tendem a deixar a disposição de lugares ocupados o mais desconcentrado

possível. Seria isso a representação de um espírito de coletividade, para que todos tenham lugares a se sentar, ou apenas um melhor modo de garantir a regra descrita acima?

Para ir de encontro a essa questão, direcionei minha atenção na própria percepção que os frequentadores têm em relação aos grupos formados nesse espaço, respaldando num outro ponto de vista, além do que a observação dos comportamentos me permitia inferir. Para isso, realizei algumas entrevistas com os presentes, em maior parte estudantes de graduação, nas minhas incursões subsequentes. A relação com os entrevistados foi facilitada justamente pela posição horizontal que pude estabelecer com esses sujeitos, pois eu era também um aluno, que como eles, utilizava o RU como parte do meu cotidiano e conhecia da mesma forma aquele ambiente. A única diferença era que agora procurava um olhar mais apurado e, para isso, contava com o apoio de seus pontos de vista. Essa perspectiva, que eu procurava apresentar explicitamente, possibilitou muita reciprocidade à pesquisa etnográfica. Então, para esse momento, preparei entrevista semiestruturadas, com questões comuns a todos os entrevistados, mas sempre deixando a possibilidade de um discurso informal aberto que salientasse as particularidades de cada discurso. A entrevista mais notável, que abrangeu um amplo panorama sobre o tema e me permitiu encontrar um sentido subjetivo do frequentador com esse espaço, foi com um aluno do curso de Engenharia Biomédica, e que já concluiu o Bacharelado em Ciência e Tecnologia. A entrevista se deu, de modo adaptado para a transcrição nas proporções desse ensaio, como a seguir:

**Pesquisador:** *Como você escolhe o lugar que vai se sentar quando está sozinho?*

**Entrevistado:** *Eu normalmente me sento sempre na mesma região do RU...Quase sempre, aliás. E também onde não esteja tão cheio. Mas sempre ali do lado que não têm a fila que o pessoal pega comida, porque aquele lado é sempre muito abafado, com aquele vapor do banho-maria saindo das gôndolas. O cheiro de comida fica muito forte também, se for algo mais malcheiroso não dá pra ficar perto, não.*

**Pesquisador:** *E do que depende a sua escolha entre sentar sozinho ou não?*

**Entrevistado:** *Quando estou com pressa, procuro não sentar com ninguém, mesmo se encontro algum amigo. Simplesmente, sento, como, e vou embora. Em outras situações, só sento sozinho se não encontrar ninguém que eu tenha amizade [...] Nem todos os conhecidos são realmente amigos, mas a maioria é.*



**Pesquisador:** *Pra você, o que esse espaço representa para o seu convívio na universidade e suas relações interpessoais?*

**Entrevistado:** *É um bom espaço. Ele representa...[longo silêncio]. Acho que é o lugar que as pessoas colocam a conversa em dia. Quando estava no começo da graduação, conhecia mais gente com quem fazia matérias junto, aí era aquela famosa pergunta: “Vai comer no RU?”. Por isso, tinha uma galera que tinha uma rotina em comum, inclusive o horário de almoço. [...] Às vezes, um grupo de amigos se reunia pra almoçar, e aí encontravam um outro grupo em que só algumas pessoas se conheciam entre os dois. Nesse caso, a união desses dois grupos formavam uma turma grande em que nem todos se conheciam. A gente tentava sentar perto de quem já conhecíamos, mas às vezes as mesas estavam cheias e eu tinha que ir sentar longe desse pessoal. Aí acabava conversando com alguém novo, que tava mais próximo. Conheci muita gente nessa faculdade assim, mas hoje isso não acontece mais tanto. A minha rotina toda mudou. De todo mundo mudou na verdade, cada um acabou indo pro seu canto, fazendo matérias em cursos diferentes.*

Com essa entrevista, podemos perceber a reafirmação dos aspectos que descrevi ao longo desse trabalho. O dinamismo do cotidiano universitário da UFABC dialoga diretamente com as relações vividas dentro do restaurante. A rotina de turmas, grupos de trabalho, a pressa por conta de compromissos marcados, são as situações mais tangíveis, cuja reflexão para dentro desse contexto é imediatamente identificada. Isto é, a intromissão do mundo de fora que ocupa constantemente os pensamentos de quem ali realiza sua refeição.

Mas, conjuntamente, há uma camada mais profunda que respalda o modo como são dadas relações entre os alunos, dentro desse contexto próprio: o pertencimento de grupo, representado na interação amigável num momento de pausa para almoçar e reconstituir a disposição para dar cabo das tarefas diárias; a proximidade dos vínculos estabelecida entre os próprios alunos, implicitamente expresso na escolha e disposição de lugares, e indicando com precisão os níveis de proximidade entre os integrantes, e com os *alheios*, que subseqüentemente trazem a possibilidade de interagir e conhecer pessoas de fora do seu círculo social; e até mesmo a estrutura física e a seleção de cardápios do restaurante manifestam-se como condicionantes fundamentais para a interação interpessoal nesse campo.

Por fim, reservo um momento também para destacar um grupo de pessoas que, embora não participem da maior parte das relações dos alunos imaginadas no universo urbano

universitário, confirmam uma presença imprescindível no RU: os funcionários e funcionárias. Majoritariamente mulheres, muitas vezes representam o primeiro contato interpessoal que nós discentes possuímos dentro desse campo, isso quando não é o único, nos nossos momentos de maior pressa ou introspecção. Por isso, a cordialidade e simpatia com que executam seu trabalho (e suas próprias relações cotidianas) são, sem dúvida, parte importante do processo de socialização, e torna mais acolhedor um ambiente que pode realçar nossas vicissitudes do dia a dia, e ser muito impessoal para um momento de descanso.

**Referências Bibliográficas**

CONCEIÇÃO, Wellington. Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo? Uma (auto)análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos de múltiplas pertencas ao campo. **Revista de Antropologia da UFSCAR**, v. 8, n. 1, pp. 41-52, Jan/Jun, 2016. Disponível em: <[http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2016/12/Métodos\\_8-1\\_Texto2\\_Wellington-Conceição.pdf](http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2016/12/Métodos_8-1_Texto2_Wellington-Conceição.pdf)>

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo social**. São Paulo, v. 15, n. 1, pp. 81-95, Abr, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702003000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000100005)>

SETTON, Maria da Graça Jacinto. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista brasileira de educação (Anped)**. n. 20, pp. 60-70, Mai/Ago, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000200005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000200005&script=sci_abstract&tlng=pt)>

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, E.O. (org.), **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978. pp. 123-132.